

*HORA DO POVO,
REMANESCENTE
DA IMPRENSA
ANTIDITADURA,
E NOTÍCIAS
SOBRE 1964*

[ARTIGO]

Wagner de Alcântara Aragão

Universidade Federal do Paraná

Myrian Regina Del Vecchio de Lima

Universidade Federal do Paraná

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo investiga como e em que medida o Hora do Povo, único jornal da imprensa alternativa de oposição à ditadura de 1964 a 1985 ainda em atividade, enuncia sobre o golpe de 1964 em suas edições que coincidem com efemérides daquele episódio. Partindo-se da premissa de que, justamente por sua origem, o Hora do Povo dedicaria cobertura de destaque, em um primeiro momento a análise centrou-se em edições da virada dos meses de março e abril da atual década. Diante da surpreendente ausência do tema, ampliou-se a análise até as edições de 2018, as mais antigas cujos arquivos estão disponíveis no site do jornal. A análise de conteúdo categorial de Bardin (2016) foi a metodologia aplicada, e estudos de Peruzzo (1998, 2009, 2023), Melo (2011), Abramo (1997) e Kucinski (2003) compuseram o referencial teórico. Como resultado, constatou-se certa escassez: em 23 edições averiguadas, em 15 houve menções e, em apenas uma, matérias específicas.

Palavras-chave: Hora do Povo. Imprensa alternativa. Golpe de 1964. Jornalismo de memória.

This article investigates how and to what extent Hora do Povo, the only alternative press newspaper opposing the 1964–1985 dictatorship that is still in operation, addresses the 1964 coup in its issues coinciding with anniversaries of that episode. Based on the premise that, precisely due to its origins, Hora do Povo would offer prominent coverage, the initial analysis focused on issues from late March and early April of the current decade. Given the surprising absence of the topic, we extended the analysis to editions from 2018—the oldest ones whose PDF archives are available on the newspaper’s website. The methodology used was Bardin’s (2016) categorical content analysis, with theoretical grounding in studies by Peruzzo (1998, 2009, 2023), Melo (2011), Abramo (1997), and Kucinski (2003). As a result, a certain scarcity of coverage was noted: in 23 issues examined, 15 contained mentions, and only one included specific reports.

Keywords: Hora do Povo. Alternative press. 1964 coup. Memory journalism.

Este artículo investiga cómo y en qué medida el Hora do Povo, único periódico de la prensa alternativa de oposición a la dictadura de 1964 a 1985 aún en actividad, enuncia el golpe de 1964 en sus ediciones coincidentes con efemérides de ese episodio. Partiendo de la premisa de que, precisamente por su origen, Hora do Povo dedicaría una cobertura destacada, en un primer momento el análisis se centró en ediciones de finales de marzo y principios de abril de la presente década. Ante la sorprendente

ausencia del tema, ampliamos el análisis hasta las ediciones de 2018, las más antiguas cuyos archivos PDF están disponibles en el sitio web del periódico. Se utilizó el análisis de contenido categorial de Bardin (2016) como metodología, y como marco teórico se recurrió a estudios de Peruzzo (1998, 2009, 2023), Melo (2011), Abramo (1997) y Kucinski (2003). Como resultado, se constató cierta escasez de abordaje: de 23 ediciones investigadas, en 15 hubo menciones, y en solo una hubo reportajes específicos.

Palabras clave: Hora do Povo. Prensa alternativa. Golpe de 1964. Periodismo de la memoria.

INTRODUÇÃO

O sucesso de público e de crítica do longa-metragem *Ainda Estou Aqui*¹ suscitou, entre outros debates, a necessidade de reavivar a memória nacional sobre um dos episódios mais cruéis da história do Brasil: a ditadura instaurada com o golpe militar de 1964, que durou 21 anos (até a eleição, ainda que por via indireta, de um civil à presidência da República – Tancredo Neves, em 1985).

Não é de agora que há diversas referências ao silenciamento e ao apagamento do tema na transição para a democracia e no processo de consolidação desta. [Heloísa] Starling (2015, p. 38), por exemplo, pontua que tanto a historiografia quanto o jornalismo engendram esforços “no sentido de provocar a memória do país” acerca da ditadura e de suas sequelas. Contudo, continua a pesquisadora, de um modo geral a sociedade brasileira seguiu pouco ou nada disposta a ir a fundo:

[...] desde o fim do governo dos militares, em 1985, e da promulgação da Constituição de 1988, que tinha a missão de encerrar a ditadura e o compromisso de assentar as bases para a afirmação da Democracia no país,

¹ De acordo com Lacerda (2025), *Ainda estou aqui* recebeu, entre 2024 e 2025, mais de 40 prêmios em festivais internacionais. Entre eles, o troféu de melhor atriz para Fernanda Torres, no Globo de Ouro; melhor roteiro no Festival de Veneza; filme mais valioso do ano pela Cinema For Peace Foundation; e até mesmo o Prêmio de Melhor Cão Histórico do Fido Award. Além disso, o longa obteve o Oscar 2025 de melhor filme internacional. Até março de 2025, somente no Brasil, mais de 5,2 milhões de espectadores já haviam assistido ao filme nos cinemas.

a sociedade brasileira não quer ser atormentada por uma pergunta desconcertante: a ditadura, quem a promoveu, quem a apoiou, quem a sustentou? (Starling, 2015, p. 38).

Ela enumera “três silêncios” que organizam a memória do Brasil sobre os anos de chumbo: i) o silêncio sobre o apoio da própria sociedade e de empresários na gênese e na sustentação (inclusive financeira) da repressão; ii) o silêncio sobre a violência cometida pelo Estado, sobretudo contra grupos como camponeses e povos indígenas; iii) o silêncio que impede a sociedade de conhecer de fato a estrutura, os procedimentos e o funcionamento do regime. “Silêncios”, podemos dizer, a serviço dos “esquecimentos” como método, de que trata Ricoeur (2007). No caso da ditadura brasileira, em especial, o “esquecimento comandado: a anistia” (Ricoeur, 2007, p. 459). Uma tentativa nada vã de apagar da “memória coletiva” (Halbwachs, 1990) as atrocidades da era em questão.

Halbwachs (1990, p. 25) ressalta que o que denomina “memória individual” se conforma em sua integralidade apenas quando o sujeito se torna um ser social, capaz de se apoiar em estruturas coletivas para organizar e recuperar suas vivências. O autor vai além ao afirmar que o ato de lembrar é aprendido socialmente e depende, inclusive, do desenvolvimento da linguagem, que permite expressar e reorganizar o passado de forma específica.

Nesse sentido, a ruptura desse silêncio, do esquecimento como método, e a construção de uma memória coletiva nacional a respeito da ditadura no país passam, entre outras possibilidades, por

narrativas de produtos culturais — como o mencionado *Ainda Estou Aqui*² várias outras obras artísticas ou literárias³—, pela presença e pela discussão do tema “ditadura” nas escolas e universidades, e pelas narrativas jornalísticas veiculadas em mídias diversas.

Este artigo se volta a esse campo: o jornalístico. Derivado da tese “Qual o papel do papel? O jornal impresso como estratégia de comunicação em espaços, territórios e territorialidades populares”, do Doutorado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR)⁴, este trabalho tem como objetivo investigar como e em que medida o jornal *Hora do Povo* tem enunciado o golpe de 1964 em suas páginas. O periódico é o único remanescente da imprensa alternativa de oposição à ditadura daqueles 21 anos citados, conforme se sublinha na referida tese que, em seu Apêndice Q, lista

2 A filmografia brasileira sobre a ditadura militar no Brasil é considerável. De Pra Frente, Brasil a Marighella, passando por Eles Não Usam Black-Tie, Cabra Marcado para Morrer, O Dia que Durou 20 Anos, entre tantos outros. Em fevereiro de 2025, o portal ICL listou 20 sugestões (20 filmes para quem...,2025).

3 Entre diversos exemplos, podem ser citados dois em voga durante o processo de construção deste artigo: a peça *Lady Tempestade*, monólogo com a atriz Andrea Beltrão sobre a vida da advogada Mércia Albuquerque (1934-2003), que defendeu perseguidos políticos da ditadura, e o livro *Brasil: Nunca Mais*, que, em 2025, ao completar 40 anos, ganhou nova edição.

4 A tese é de Wagner de Alcântara Aragão, orientada por Myrian Regina Del Vecchio de Lima, autor e autora deste artigo, e foi defendida em 31 de março de 2025. Trata-se de um estudo de casos envolvendo três jornais do campo da comunicação popular, comunitária e alternativa: *Hora do Povo* (imprensa alternativa antiditadura), *Brasil de Fato Paraná* (mantido por movimentos sociais) e *Caderno do Bairro* (jornal de bairro de Curitiba). O trabalho investiga a persistência desses veículos no jornalismo impresso.

mais de uma dezena de jornais surgidos à época com o mesmo propósito. Portanto, até pela sua origem, seria de se esperar considerável destaque para narrativas sobre tal episódio, em um contexto de jornalismo de memória e de combate ao ressurgimento de movimentos autoritários e antidemocráticos.

Ressalte-se que o *Hora do Povo* se insere no amplo espectro da comunicação popular, alternativa e comunitária. Recorremos a Peruzzo (1998; 2009; 2023), Melo (2011), Abramo (1997) e Kucinski (2003) para embasamento teórico sobre esse conceito e suas derivações.

Ao utilizar como *instrumento metodológico* a análise de conteúdo categorial (Bardin, 2016), buscamos verificar edições impressas do *Hora do Povo*, na atual década (2021 a 2025), próximas ao aniversário do golpe. De cada ano, analisamos, utilizando os termos “ditadura”, “golpe”, “golpe militar”, “golpe de 1964” e “1964”, três edições: a que coincidissem com as datas de 31 de março e 1º de abril; uma imediatamente anterior e outra imediatamente posterior. Para surpresa, essa análise revelou ausência de matérias jornalísticas sobre o tema.

Estendemos, então, a investigação para anos anteriores — e chegamos até 2018 (as edições mais antigas disponíveis no site do jornal para consulta são desse ano). Ao todo, foram 23 edições lidas e, em apenas uma delas, verificou-se notícia específica sobre o golpe e a ditadura; em outras 15 havia alguma menção, dentro de notícias acerca de outros assuntos, ainda que correlatos. Em sete (quase um terço), porém, não se encontrou nem matéria específica nem menção.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este artigo, para alcançar seu objetivo investigativo, lança mão da análise de conteúdo categorial temática, de que trata Bardin (2016). *Golpe de 1964 e a consequente ditadura constituíram a categoria temática previamente definida*. Utilizamos precisamente cinco termos – “ditadura”, “golpe”, “golpe militar”, “golpe de 1964” e “1964” – para identificar matérias e reportagens do jornal *Hora do Povo* que abordassem essa categoria temática nas edições de seu jornal impresso (ou imprimível – conceito explicado na seção 3 deste artigo) no período de aniversário do levante militar golpista eclodido na virada de 31 de março para 1º de abril de 1964.

Primeiro, buscamos edições dos anos de 2021 a 2025, para termos um panorama da atual década, em curso. Diante da ausência, surpreendente, de conteúdos nesse período, expandimos a busca para anos anteriores – chegando até as edições de 2018, as mais antigas disponíveis no site do *Hora do Povo*.

A escolha pelo *Hora do Povo* para esta investigação se deve a uma peculiaridade: o jornal é, dentre os periódicos jornalísticos criados para se opor, resistir e combater a ditadura pós-golpe de 1964, o único ainda em atividade (Alcântara Aragão, 2025). O *Hora do Povo* foi uma dentre tantas experiências jornalísticas nascidas naquele período com finalidade semelhante, grupo que recebeu a alcunha de imprensa alternativa (Kucinski, 2003) ou mídia alternativa (Peruzzo, 1998). Ou, para Melo (2011), imprensa

nanica; para Abramo (1997), jornalismo de contraponto.

O *Hora do Povo* e os demais de oposição à ditadura, bem como outros empreendimentos midiáticos e jornalísticos fora do mercado *mainstream*, compõem o espectro denominado por Peruzzo (1998; 2009) como o da comunicação popular, comunitária e alternativa. Define a pesquisadora:

[...] [a comunicação popular] representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina [...] não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação (Peruzzo, 2009, p. 2).

Mais recentemente, Peruzzo (2023) ressalva que, em contexto de consolidação das redes sociais digitais, emergem ativismos os quais, embora em boa parte se coloquem como contraponto ao mercado *mainstream* de mídia e de suposta contestação do *status quo*, do *establishment* e das instituições da sociedade, não podem ser enquadrados no espectro da comunicação popular, alternativa e comunitária. Isso porque são de caráter antidemocrático; referendam e apregoam discriminações, preconceitos e segregações.

Com base nesse alerta de Peruzzo (2023), e também em conceitos múltiplos, tais como mídia independente, mídia ativista, jornalismo das periferias ou das quebradas, jornalismo cidadão, mídia radical,

dentre tantas outras derivações e variações, Alcântara Aragão (2025, p. 62) define comunicação popular, comunitária e alternativa como “as ações [...] empreendidas por atores sociais tais como movimentos, grupos, coletivos, partidos, micro ou pequenos negócios ligados a espaços, territórios e territorialidades populares, isto é, dos grupos subalternos”. É nesse campo que segue inserido o *Hora do Povo*, como se verá na seção a seguir.

HORA DO POVO: A ORIGEM NO MR-8

Na seção “Sobre”, em seu site, e na descrição de seu canal no YouTube, o *Hora do Povo* ressalta ser “o mais antigo órgão da imprensa progressista e popular em circulação no Brasil”⁵. É dizer que se trata do único, originado como veículo de oposição, resistência e combate à ditadura militar instituída com o golpe de 1964, ainda em atividade. Outros desse contexto histórico, como *Pif-Paf* (1964), *Opinião* (1972), *Ex-* (1973), *Versus* (1975), *Movimento* (1975), *De Fato* (1976), *Coojornal* (1976), *Posição* (1976), *Bar Brazil* (1976), *Boca do Inferno* (1976), *Resistência* (1977), *Varadouro* (1978) e *Preto no Branco* (1979), que compunham o conjunto de veículos de imprensa alternativa e se destacavam como tal, foram, em diferentes momentos, descontinuados (Alcântara Aragão, 2025).

Segundo Velasquez (s.d.), o *Hora do Povo* foi fundado pela Empresa Jornalística

Hora do Povo S/A em 31 de agosto de 1979, no Rio de Janeiro (RJ). Em 1981, mudou-se para São Paulo (SP), onde mantém sua sede e redação em 2025. Desde a origem, o jornal esteve associado ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). O MR-8 nasceu em 1964, em Niterói (RJ), como dissidência do Partido Comunista Brasileiro (Dias, 2018). “Com os anos, a dissidência tomou corpo e virou o MR-8 em memória ao dia em que Che Guevara foi capturado, na Bolívia, em 8 de outubro de 1967” (Dias, 2018 on-line).

Ainda segundo a mesma fonte, o grupo se constituiu, à época, como uma organização de guerrilha urbana, estratégia de combate ao regime ditatorial brasileiro. A partir da segunda metade dos anos 1970, “a preferência por ações de luta armada deu lugar à atuação política” (idem). Foi então que o MR-8 se integrou ao então Movimento Democrático Brasileiro, partido político de oposição ao governo militar (era época de bipartidarismo; o outro partido, situacionista, era a Aliança Renovadora Nacional [Arena]). É nesse contexto, portanto, que o jornal *Hora do Povo* foi criado. De acordo com Alcântara Aragão e Del Vecchio-Lima (2023, on-line), depois da redemocratização, o MR-8 teve trajetória em partidos políticos diversos (PMDB, PPL e PCdoB) “e segue tendo o jornal [*Hora do Povo*] como veículo de expressão de suas ideias e posicionamentos, frente aos fatos da vida política, econômica e cultural nacional e global”.

No portal do projeto “Memórias da Ditadura”, do Instituto Vladimir Herzog, a origem e a atuação inicial do *Hora do Povo* são assim descritas:

Jornal semanal que começou a circular na primeira semana de setembro de 1979.

5 (Sobre, s.d.; Jornal Hora do Povo, s.d.).

As edições [...] trazem reportagens sobre a fome e a carestia, o excesso de jogos no calendário do futebol brasileiro, a censura à Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, as fortunas brasileiras em bancos da Suíça e as relações do filho de Paulo Figueiredo, filho do então presidente-general João Figueiredo, com o contraventor Aniz Abraão. Teve entre seus colaboradores os compositores Aldir Blanc e Taiguara, o dramaturgo Plínio Marcos e os jornalistas Fernando Moraes, Marcos de Castro, João Saldanha e Carlos Alberto Doria (Hora do Povo, 2014).

O “Memórias da Ditadura” tem um acervo de edições digitalizadas do *Hora do Povo*. Está lá, inclusive, a de número 1, de 31 de agosto a 6 de setembro de 1979, reproduzida na Figura 1:

Figura 1: Capa da edição 1 de *Hora do Povo*



Fonte: Memórias da Ditadura⁶.

6 (Hora do Povo - 1, 1979).

O periódico teve um momento áureo entre o final dos anos 1980 e meados dos anos 1990. Na seção “Sobre” de seu site, o *Hora do Povo* informa que, em 1989, o jornal passou a ser diário: “é então que várias personalidades, depois que as eleições presidenciais terminaram com um revés para as forças nacionais e populares, publicam suas contribuições, em primeira mão, no jornal” (Hora do Povo, s.d.). A periodicidade diária foi mantida até 1995. A partir de então, passou a ter frequência bissemanal. O jornal se manteve com circulação impressa, vendido em banca e distribuído em circuitos da vida política nacional, até a eclosão da pandemia de covid-19, em 2020. A partir daí, ampliou a periodicidade para semanal e adotou o conceito de “jornal imprimível” (Alcântara Aragão, 2025).

O HORA DO POVO HOJE E A PERSISTÊNCIA NO IMPRESSO

No momento de finalização deste artigo (2025), o *Hora do Povo* segue com edições semanais, as quais denomina “jornal imprimível” (Monteiro Neto, 2023, em entrevista, in Alcântara Aragão, 2025). Conforme descrito em Alcântara Aragão (2025), todas as etapas e a lógica do jornalismo impresso são seguidas: a reunião de pauta é feita tendo, como roteiro para a discussão, cada uma das oito páginas por edição; o conteúdo é escrito, editado e diagramado para o formato de papel *standard*, e o arquivo de cada edição é salvo no formato PDF. Na capa, inclusive, está estampado o preço do exemplar (R\$ 1,00). É feito o *upload* do PDF na página inicial do site; segundo Monteiro Neto (2023, in Alcântara

Aragão, 2025), apto para ser impresso — daí o adjetivo “imprimível”. O *Hora do Povo* não dispõe, contudo, de gráfica própria, tampouco de recursos financeiros para custear a impressão de uma tiragem mínima. Fica a critério de seu público — em especial movimentos sociais e políticos alinhados política e ideologicamente — baixar o arquivo em PDF e imprimir por conta própria.

Aliás, o *Hora do Povo* se configura como um jornal voltado ao que Toro e Werneck (1997, p. 42) definem como “reeditor social”. Ou seja, aquele leitor ou leitora que conta com base ou rede considerável de interlocutores, para quem redireciona certa mensagem, a fim de que seja interpretada, ressignificada, discutida e reverberada. Em nomenclatura contemporânea e derivada da cultura digital, o reeditor social seria uma espécie de *influencer* (influenciador ou influenciadora). O *Hora do Povo* atuaria como “editor social”, ainda segundo a concepção dos mesmos autores: comunicador social com “uma linha de convocação, de convite, de abertura e valorização da participação de todos” (Toro; Werneck, 1997, p. 63).

Apesar da incapacidade financeira para imprimir tiragens (para 2025, por exemplo, não havia previsão, informou Lopes, 2024, em entrevista, in Alcântara Aragão, 2025), o *Hora do Povo* segue se autodefinindo como exercedor do jornalismo impresso. No espectro da comunicação (ou jornalismo) popular, comunitária e alternativa, o título se autoclassifica como um “jornal popular”, direcionado “especialmente ao público formador de opinião, de militância sindical, militância política popular” (Monteiro Neto, 2023, em entrevista, in Alcântara Aragão, 2025). Rechaça alcunhas como “jornal alternativo” ou “jornal

partidário”: “A gente se propõe a ser um jornal que dialogue com o povo, então que não pegue só esquerda, como também centro, arraste setores para fazer o que a gente acha que é um processo de independência nacional” (idem). A defesa da democracia está, ainda segundo a mesma fonte, entre os pressupostos do periódico.

A AUSÊNCIA DE MATÉRIA NOTICIOSA NOS ANIVERSÁRIOS DO GOLPE

Justamente por ser o *Hora do Povo* o único remanescente dos jornais que nasceram durante a ditadura para se opor, resistir e combater aquele regime, é de suscitar curiosidade: como, mais de 60 anos depois do golpe de 1964, o veículo aborda aquele episódio e o conseqüente período de repressão? Para além de sua origem e trajetória, o posicionamento contemporâneo do jornal, de reafirmação das premissas iniciais, como vimos na seção anterior, levou-nos a supor que o tema “golpe de 1964” ou “ditadura” mereceria destaque em suas narrativas jornalísticas.

Decidimos, assim, investigar como e em que medida o *Hora do Povo* enuncia o tema propriamente dito. Entendemos que uma efeméride se apresenta como momento oportuno para abordar seu objeto a ser lembrado. Por isso, selecionamos edições “imprimíveis” do *Hora do Povo* coincidentes com o período de aniversário do golpe de 1964, na atual década (2021 a 2025). De cada ano, averiguamos a edição que abrangesse a data do levante golpista (31 de março para 1º de abril), mas não só: a edição anterior, imaginando que o tema pudesse ser noticiado previamente, e a edição posterior, entendendo que eventuais

acontecimentos ou eventos relativos à data pudessem ter sido objeto de cobertura.

Desse modo, foram 15 edições pesquisadas. Fizemos leitura flutuante das oito páginas de cada edição e, em seguida,

realizamos uma busca direcionada, com as palavras-chave “ditadura”, “golpe”, “golpe militar”, “golpe de 1964” e “1964”. Sintetizamos o resultado da busca no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Síntese da análise das edições entre 2021 e 2025

EDIÇÃO	MATÉRIA OU MENÇÃO
Edição 3.992, de 19 a 25 de março de 2025	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao episódio da ditadura pós-golpe de 1964 na matéria “Em ato fracassado, Bolsonaro, adornado com bandeira dos EUA, pede anistia para golpismo”
Edição 3.993, de 26 de março a 1º de abril de 2025	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma matéria ou menção
Edição 3.994, de 2 a 8 de abril de 2025	<ul style="list-style-type: none"> Menção à instauração da ditadura pós-golpe em 1964 na matéria “Protesto na Avenida Paulista defende prisão de Bolsonaro”
Edição 3.945, de 20 a 26 de março de 2024	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma matéria ou menção
Edição 3.946, de 27 de março a 2 de abril de 2024	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma matéria ou menção
Edição 3.947, de 3 a 9 de abril de 2024	<ul style="list-style-type: none"> Dentro da matéria “Datafolha: 71% dos brasileiros consideram a democracia melhor”, há apenas uma menção ao golpe de 1964, quando se informa que “O presidente Lula determinou que não se fizesse atos [oficiais] em referência aos 60 anos do golpe de 1964 [...]”. A notícia está no canto inferior esquerdo da página 3.
Edição 3.897, de 22 a 28 de março de 2023	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma matéria ou menção
Edição 3.898, de 29 de março a 4 de abril de 2023	<ul style="list-style-type: none"> Menção à ditadura na matéria “Músico e humorista Juca Chaves morre em Salvador aos 84 anos”, na página 4
Edição 3.899, de 5 a 11 de abril de 2023	<ul style="list-style-type: none"> Três menções: na matéria “Carta de militar sobre morte de Stuart indica que nem todos avalizavam o monstro Paulo M. Burnier”, na página 3; em “Santos Cruz: ‘Fujão, Bolsonaro volta ao Brasil tentando mais um embuste’”; e em “Leci Brandão condecora mulheres pela luta por moradia, emprego e comida na mesa”, na página 5.
Edição 3.848, de 23 a 29 de março de 2022	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe de 1964 na matéria “Fracassam atos de Bolsonaro pelos 58 anos da marcha golpista de 1964”
Edição 3.849, de 30 de março a 5 de abril de 2022	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma matéria ou menção
Edição 3.850, de 6 a 12 de abril de 2022	<ul style="list-style-type: none"> Duas menções ao golpe e à ditadura: na matéria “Baixaria com Miriam Leitão é ‘covardia nojenta e asquerosa do O2’, afirma senador Randolfe”, na página 3, com chamada na capa; e em “Falece a dama da literatura nacional, Lygia Fagundes Telles, aos 98 anos”, na página 4
Edição 3.798, de 24 a 30 de março de 2021	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe na reprodução da entrevista “Brasil: uma civilização mestiça, tropical e orgulhosa de si mesma, por Darcy Ribeiro”, na página 8

EDIÇÃO	MATÉRIA OU MENÇÃO
Edição 3.799, de 31 de março a 6 de abril de 2021	<ul style="list-style-type: none"> Menção à ditadura em “PCdoB comemora 99 anos e presta homenagem ao combatente Haroldo Lima”, na página 3
Edição 3.800, de 7 a 13 de abril de 2021	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe de 1964 e à ditadura na matéria “Bolsonaro sabotou as ações contra o coronavírus”, denunciou Flávio Dino”, na página 3

Elaboração: O autor e a autora (2025).

Como se observa da leitura do Quadro 1, não foi localizada nenhuma matéria (notícia, reportagem) específica sobre o golpe ou a ditadura, sequer sobre a efeméride em questão, nas edições da atual década. Foram encontradas, sim, menções ao golpe de 1964 ou à ditadura; entretanto, na forma de citações situadas em matérias que tratavam de outros assuntos, ainda que correlatos. Por exemplo: em 2025, a referência a 1964 apareceu em duas notícias cujo foco estava nos desdobramentos do episódio de 8 de janeiro de 2023, quando grupos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro promoveram invasão às sedes dos Três Poderes, em Brasília, depredando patrimônio público, inclusive artístico e cultural, em evidente tentativa de provocar uma crise que levasse à deposição do recém-empossado governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Na edição que coincidiu com o aniversário do golpe de 1964, porém, não houve nem matéria nem menção.

Aliás, das 15 edições analisadas no período de 2021 a 2025, em um terço delas (cinco) não se fez referência ao golpe de 1964 e ao conseqüente período ditatorial. Nem mesmo na edição de 27 de março a 2 de abril de 2024, que abrangeu o aniversário de 60 anos da derrubada golpista de João Goulart, nem na imediatamente anterior. Na edição da semana pós-efeméride, houve breve menção dentro de uma notícia de rodapé sobre resultado de pesquisa do Datafolha, que atesta o apoio da população brasileira à democracia, em rechaço à ditadura.

Diante desse resultado surpreendente, decidimos estender o período temporal incluído nesta pesquisa. Ampliamos até 2018 — são desse ano as edições imprimíveis (arquivos em PDF) da virada de março para abril, mais antigas disponíveis no site do *Hora do Povo*. A análise está sintetizada no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Síntese da análise do período de 2018 a 2020

EDIÇÃO	MATÉRIA OU MENÇÃO
Edição 3.749, de 25 e 26 de março de 2020	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe e à ditadura na matéria “Augusto Buonicore: Centro Popular de Cultura da UNE - crítica a uma crítica (2)”, na página 8
Edição 3.750, de 1º e 2 de abril de 2020	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe militar e à ditadura na matéria “Augusto Buonicore: Centro Popular de Cultura da UNE - crítica a uma crítica (3), na página 8

Edição 3.751, de 8 e 9 de abril de 2020	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma menção nem matéria
Edição 3.699, 20 e 21 de março de 2019	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe de 1964 em “100 anos do presidente João Goulart: um homem e uma obra para o Brasil (2)”, na página 8
Edição 3.700, 27 e 28 de março de 2019	<ul style="list-style-type: none"> Menção à ditadura em “Felipe Santa Cruz, presidente nacional da OAB: ‘Não é aceitável tirar de quem não tem para dar a quem não precisa’”, na página 2; e menção ao golpe de 1964 em “Câmara homenageia presidente João Goulart no centenário de seu nascimento”, na página 8
Edição 3.701, 3 e 4 de abril de 2019	<ul style="list-style-type: none"> Matérias sobre atos em memória dos 55 anos do golpe de 1964, com menções a este e à ditadura subsequente, inclusive com chamadas de capa e fotos: “Protestos por do todo o país, repúdio ao árbitro: Bolsonaro inventa de comemorar ditadura, mas viaja para Israel” (manchete de capa da edição); “Atos lembram assassinatos pela ditadura” (capa e página 3); “Camiseta do Flamengo faz homenagem a Stuart Angel” (capa); “Bolsonaro provoca e povo vai às ruas contra a ditadura” (página 3); “Derrubaram um governo pela força das baionetas’, afirma João Vicente Goulart” (página 3); “Estudantes protestam por todo o país: ‘Democracia sim, mordaca não’” (página 4); e “Torcidas do Flamengo, Vasco Bahia e Corinthians protestam contra o golpe militar de 1964”, na página 4
Edição 3.618, 28 e 29 de março de 2018	<ul style="list-style-type: none"> Menção ao golpe em “João Goulart Filho encontra Calixto, da CNTI, e reforça que vai ‘revogar a reforma trabalhista’”, na página 3
Edição 3.619, 30 de março a 7 de abril de 2018	<ul style="list-style-type: none"> Nenhuma menção nem matéria
Edição 3.620, 4 e 5 de abril de 2018	<ul style="list-style-type: none"> Link direcionando a página com erro 404

Elaboração: O autor e a autora (2025).

Nesse segundo período analisado (2018 a 2020), em que oito edições se constituíram como *corpus* (uma nona não foi possível ler, pois o link indicado no site direcionava para uma página com erro 404), em apenas uma delas observou-se cobertura dedicada a relembrar e contextualizar o golpe de 1964 e, ato contínuo, a ditadura. Foi na edição de 3 e 4 de abril de 2019 (edição número 3.701), portanto posterior ao aniversário do levante militar golpista. Vale situar que, àquela altura, era um aniversário “redondo”: 55 anos do golpe. Ainda, era o primeiro 31 de março/1º de abril vivido no governo de Jair Bolsonaro (eleito em 2018, empossado em 1º de janeiro de 2019), confesso

defensor e representante dos entusiastas do regime ditatorial. Em coerência com esse posicionamento, tanto o então presidente quanto seu grupo fizeram questão de proferir palavras e realizar ações de “comemoração” do marco inicial daquele cruel período da vida nacional. Esse movimento parece ter mobilizado a equipe do *Hora do Povo*, pois o conjunto de matérias (inclusive com manchete e chamadas na capa) sobre os 55 anos do golpe de 1964 tratou de enfatizar a reação de setores da sociedade aos intentos de celebração engendrados pelo governo de extrema-direita de 2019. A Figura 2 traz a reprodução da capa de tal edição:

Figura 2: Capa da edição 3.701 (3 e 4 de abril de 2019) do *Hora do Povo*



Fonte: Site do *Hora do Povo*.

A Figura 3 traz a reprodução da página 3 da referida edição. Nas Figuras 4 e 5 vemos, respectivamente, detalhes de matérias nas páginas 3 e 4, que mostram cobertura feita pelo jornal dos atos e manifestações em repúdio ao golpe de 1964, ocorridos no aniversário de 2019 do referido

episódio. Registre-se que, como evidenciado pelos títulos de cada uma das matérias, os conteúdos priorizam visibilizar o rechaço a qualquer tipo de pomenorização e defesa do período ditatorial, discurso que se forçava hegemônico pelo grupo político que estava no governo 55 anos depois:

Figura 3: Página 3 da edição 3.701 (3 e 4 de abril), composta por matérias sobre o golpe de 1964



Fonte: Site do *Hora do Povo*.

Figuras 4 e 5: Detalhes de matérias da edição 3.701 (3 e 4 de abril de 2019)



Fonte: *Hora do Povo*.

Em outras quatro edições do período em questão, fez-se menção ao golpe e à ditadura. Destaque-se que, nesses casos, embora as matérias não apresentassem foco no episódio, guardavam maior relação com o tema em comparação às menções identificadas nas edições de anos mais recentes (2021 a 2025). Aquelas citações (2018, 2019 e 2020) estavam presentes em textos que abordavam personagens daquele período, caracterizados por terem sido prejudicados e/ou resistido à instauração da repressão militar.

A menção na matéria da edição 3.618, de 28 e 29 de março de 2018, estava contida em matéria sobre a candidatura do filho de João Goulart (Jango), presidente deposto pelo golpe de 1964, à Presidência da República em 2018 (João Vicente Goulart Filho). As duas menções na edição 3.700, de 27 e 28 de março de 2019, também estavam em matérias cujos

temas mantinham ligação com protagonistas da resistência. Uma delas abordava Felipe Santa Cruz, filho de Fernando Santa Cruz, desaparecido político durante a ditadura; a outra tratava de uma homenagem da Câmara dos Deputados ao ex-presidente João Goulart, por ocasião de seu centenário.

A citação na edição anterior (3.699, de 20 e 21 de março de 2019) ocorreu em uma matéria também com foco em Jango: matéria de página inteira, na última página da edição, sobre os 100 anos do ex-presidente. Durante a efeméride no ano seguinte, 2020, também em matérias de página inteira, na última página, há menções ao golpe e à ditadura em uma série sobre o militante Augusto Buonicore, que, no final dos anos 1970, teve atuação em movimentos de oposição ao regime militar vigente (edições 3.749, de 25 e 26 de março de 2020, e 3.750, de 1º e 2 de abril de 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui engendrada, como antecipado, gerou resultado surpreendente. Afinal, por se tratar de um periódico que tem a oposição ao regime militar em sua gênese, criado por um dos mais emblemáticos movimentos de resistência à época, o MR-8, era de se esperar que, nas edições coincidentes com dia e semana de aniversários do golpe de 1964, houvesse reportagens, matérias e coberturas específicas. Esperava-se que a análise aqui percorrida se centrasse em averiguar abordagens, fatos e personagens realçados em um corpus considerável de narrativas.

A ausência identificada não nos permite, de modo algum, considerar que o *Hora do Povo* ignore o tema. Até porque nos debruçamos sobre uma amostra – uma amostra representativa, uma vez que contemporânea aos aniversários do golpe em questão, mas ainda uma amostra. Ademais, focou-se nas edições imprimíveis do *Hora do Povo*; contudo, é importante pontuar que o veículo dispõe de site com atualização diária. É possível – é bem provável – que, por lá, o tema tenha aparecido de forma mais marcante. Entretanto, dada a relevância que o jornalismo impresso tem para a organização jornalística do periódico, configurando-se como espinha dorsal e carro-chefe do *Hora do Povo*, conforme entrevista recolhida e já citada, previa-se que as páginas das edições imprimíveis registrassem, com maior frequência e profundidade, a efeméride em questão.

Foge ao escopo deste trabalho pontuar os motivos da ausência verificada. Reportagens demandam profissionais e estrutura, e isso pressupõe saúde financeira. Como reiterado na tese da qual este artigo deriva, o *Hora do Povo* não escapa à crise do modelo de negócios do jornalismo impresso, do jornalismo de um modo geral e, menos ainda, do jornalismo de contraponto, alternativo e popular.

Há, porém, outras hipóteses que não podem ser desconsideradas. Uma delas é a retomada de certa normalidade democrática, consagrada pelas urnas em 2022, com a vitória de Lula e sua frente ampla, contra Bolsonaro e aliados saudosistas dos anos de chumbo. Tal estabilidade pode gerar certa acomodação. A contribuir para a validade dessa hipótese está o fato de que, das 23 edições analisadas entre 2018 e 2025, foi justamente na de 2019, quando o então

presidente estimulou reverências e comemorações em torno do golpe militar, que houve o conjunto de matérias que tratou do episódio e da ditadura em maior profundidade. Ou seja, como reação, esforços para dotar as páginas do jornal de narrativas a explicar as atrocidades do período ditatorial foram, então, investidos. Outra hipótese é a distância temporal de 1964, que pode levar a um arrefecimento natural do tema e, daí, a uma involuntária desatenção ou descuido para com a incessante necessidade de se abordar o que representou a ditadura – despertar que o êxito de *Ainda estou aqui* proporcionou.

Há ainda outra explicação, aquela que Ricoeur (2007) aborda enquanto “esquecimento como método”, ou seja: não seria mais fácil omitir referências ao período ditatorial exatamente no dia em que o golpe militar se efetivou, 31 de março, de forma que cada vez menos referências se fizessem a esse período autoritário e cruel? Entretanto, por esse caminho, corre-se o risco de que, ao se promover, de forma intencional ou “distraída”, esse tipo de ação “do esquecer”, novas gerações e segmentos mais desinformados da população – inclusive manipulados pelas redes sociais digitais – se tornem ignorantes e despreparados para entender a narrativa da história autoritária nesse país. E isso impediria esses segmentos da população de gritar, diante de novos abusos autoritários de partidos e organizações de extrema direita em ascensão: “Ditadura nunca mais”!

Minibiografias

[WAGNER DE ALCÂNTARA ARAGÃO]

Doutor em Comunicação. Pesquisador do Click – Comunicação e Cultura Ciber, grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Jornalista e professor. E-mail: waasantista@protonmail.com

[MYRIAN REGINA DEL VECCHIO DE LIMA]

Jornalista. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Mestra em Comunicação. Líder do Click – Comunicação e Cultura Ciber, grupo de pesquisa do PPGCom/UFPR. Email: myriandel@gmail.com

Referências

ABRAMO, Perseu. **Um trabalhador da notícia**: textos de Perseu Abramo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997 [1960-1990].

ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner de. **Qual o papel do papel?** O jornal impresso como estratégia de comunicação em espaços, territórios e territorialidades populares. 2025. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner; DEL VECCHIO-LIMA, Myrian Regina. Do papel ao PDF na internet: a presença online do mais antigo jornal da imprensa alternativa em circulação. Enpecom, 12., Curitiba, 2023. **Anais** [...] [S.l.]: Enpecom, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1DRT5bR5oLeLMogtjULRg5ab4p4ZoDXB-/view>. Acesso em: 5 ago. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DIAS, Márcia. **História hoje**: saiba mais sobre o surgimento do grupo de guerrilha que originou o MR-8. Agência Brasil, 1 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2018-10/historia-hoje-saiba-mais-sobre-o-surgimento-do-grupo-de>. Acesso em: 5 mai. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HORA DO POVO. Jornal Hora do Povo (Canal no YouTube). **YouTube**, s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/@jornalhoradopovo7736>. Acesso em: 15 ago. 2025.

HORA DO POVO. **Sobre**. [s. d.]. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/sobre/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

INSTITUTO VLADMIR HERZOG. **Memórias da ditadura. Hora do Povo**. 2014. Disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/documento/hora-do-povo-1/#sobre>. Acesso em 05 mai. 2025.

ICL NOTÍCIAS. **Ditadura militar no Brasil, suas causas, tortura e legado**. 2025. Disponível em: <https://iclnoticias.com.br/conhecimento/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LACERDA, Nara. ‘Ainda Estou Aqui’ faz história e vence prêmio de Melhor Filme Internacional no Oscar. **Brasil de Fato**, 3 mar. 2025. Disponível em <https://www.>

brasildefato.com.br/2025/03/03/ainda-estou-aqui-faz-historia-e-vence-premio-de-melhor-filme-internacional-no-oscar. Acesso em: 12 jun. 2025.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edups, 2003.

LOPES, Cláudio. Entrevista por questionário. In: ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner de. **Qual o papel do papel?** O jornal impresso como estratégia de comunicação em espaços, territórios e territorialidades populares. 2025. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

MELO, José Marques de. **A Metamorfose da comunicação do Século XXI**. São Paulo: Intercom, 2011.

MONTEIRO NETO, Clóvis do Rego. Entrevista concedida. In: ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner de. **Qual o papel do papel?** O jornal impresso como estratégia de comunicação em espaços, territórios e territorialidades populares. 2025. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Orientadora: Profa. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. São Paulo: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Revista Eco-Pós**, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/947. Acesso em: 3 mai. 2025.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Comunicação popular, comunitária e alternativa na era digital: entre utopias freireanas e distopias. **Revista Media & Jornalismo**, v. 23, n. 42, p. 23-38, 2023. DOI: 10.14195/2183-5462_42_1. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/12200>. Acesso em: 3 mai. 2025.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. Silêncios da ditadura. **Revista Maracanan**, n. 12, p. 37-46, 2015. DOI: 10.12957/revmar.2015.17393. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/17393>. Acesso em: 3 mai. 2025

TORO, José Bernardo. WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social**: um modo

de construir a democracia e a participação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Recursos Hídricos e Amazônia Legal; Secretaria de Recursos Hídricos; Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior; Unicef, 1997.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. **Hora do Povo**. [S.l.]: [s.d.]. Disponível em <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/hora-do-povo>. Acesso em: 3mai. 2023.